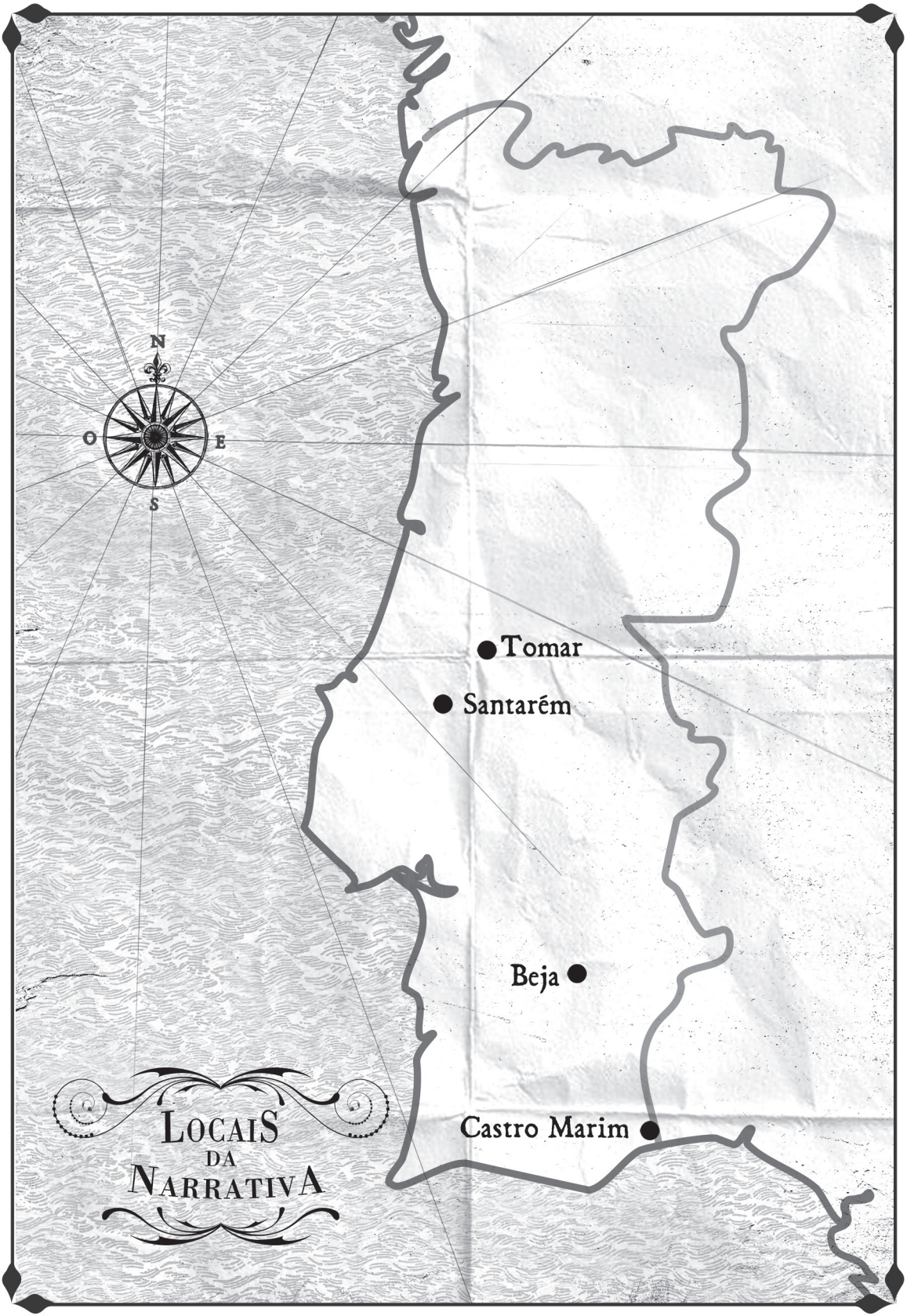
o segredo da ordem de cristo

emílio miranda

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina


N
O
E
S
Tomar
Santarém
Beja
Castro Marim
Locais da Narrativa

À Claridade, mais do que à Luz;
À Clareza, mais do que ao Brilho!

Nenhuma incongruência existe
Por si só;
Nenhuma persiste por teimosia…
E a negação de uma contradição
Não se afirma, de moto próprio, como uma verdade…
Mas reconhecê-lo é
Certamente
O início da correção!

Todo o que os tratar será um deles. Para os conhecer só sendo um.

PRÓLOGO

TOMAR

Época incerta

Não somos muitos. Nunca fomos. Mas, em determinadas ocasiões, sermos poucos foi determinante. Para o bem e para o mal.
O segredo é o nosso juramento sagrado.

Dizem que quem cala consente; nós acreditamos que quem cala não mente…

Ainda que a nossa quase perdição tenha sido mesmo a nossa verdade…

Para muitos a mais condenável das *mentiras*.

Através dos séculos, fomos obrigados a intervir inúmeras vezes.

Em muitas a morte esteve no nosso caminho, mesmo que nem sempre tenha sido consensual, mas a missão sobrepõe-se a tudo o resto. Apenas a preservação do segredo importa.

Às vezes, basta soprar um grão de areia para que outros se dispersem, e, de novo, há que encontrar o equilíbrio e prosseguir, rumo às brumas…

Nós somos o vento que dispersa, mas também o que reúne.

PARTE I

UM INFERNO À [TUA] MEDIDA

Abençoados os que vivem na esperança;
De esperança alimenta-se a Vida…
Porém, perdidos estão
Aqueles,
cuja esperança reside no Inferno.

CAPÍTULO 1

CASTRO MARIM
1319

Abandonou a fortaleza, naquele momento em que o astro-rei se prepara para anunciar o que as trevas toda a noite encobriram, espremendo-se pela estreita poterna por instantes entreaberta no robusto portão bem travejado, inserido na poderosa barbacã mandada erigir recentemente por El-Rei D. Dinis, Rei de Portugal e dos Algarves, *possa Deus Nosso Senhor mantê-lo sempre a coberto do Seu manto protetor!*

Do pó ao pó, toda a carne é vã, salva-se a alma dos eleitos! Protege, Senhor dos Céus e da Terra, o nosso rei e salvador, bem como todos aqueles que o seguem e defendem. Ámen! Protege-o, enquanto não se consuma… o que sabemos. Absteve-se de verbalizar o que tinha em mente, ciente do que representava tal pensamento. O Diabo estava sempre à escuta e vigilante! E alimentava-se dos anseios dos justos.

Alguns passos dados, respira fundo e lança um olhar determinado aos altos muros atrás de si, encetando depois a descida que o levará à povoação, adormecida ainda nas plúmbeas dobras da noite.

É um de um punhado. Chegado não há um mês e uma semana — ele, uma semana antes dos que o procederam, homens dos sete ofícios.

Convictos da importância do seu desígnio, já muito havia sido feito durante aquele período. E outro tanto seria tempo suficiente para concluir o que faltava…

Dado o aperto a que os acontecimentos estavam sujeitos, tudo tinha sido planeado com atempada antecedência e ele era apenas a ponta de lança de um restrito grupo avançado responsável pela realização de uma determinada obra, a quem competira confirmar, no interior do castelo, o local da referida construção e os indícios dados.

Sob um esquecido ou menosprezado alçapão de madeira, que existia num certo pavimento tabuado, deveria ser achado um túnel, o que se mostrou ser verdadeiro.

O local era o interior da capela e a milagrosa mais do que inesperada descoberta o facto de se tratar, tudo indicava, de uma mina de água, cuja extensão e altura se revelavam, em caso de necessidade, num providencial e adequado caminho de fuga.

Sob o olhar atento da divindade, a que o templo havia sido consagrado, escondia-se o segredo mais bem guardado do castelo. Sorriu de si para consigo. O lugar ideal para evacuar um tesouro…

A engenhosa obra, usada simultaneamente como escapatória e fonte de captação de água potável, em complemento à cisterna (que não deveria ser da autoria dos inquilinos mais recentes, mas em contrapartida poderia atribuir-se — acreditava — à reconhecida mestria das guarnições almóadas que durante incontáveis anos haviam detido a posse daquele lugar, antes de os exércitos de Cristo o terem finalmente conquistado para a Coroa de Portugal — bendito fosse o Senhor Deus, por o ter em boa hora permitido!), agora no interior do modesto templo consagrado à verdadeira Fé, teria estado antes sob uma mesquita, o que era sintomático dos comportamentos conquistadores vigentes.

O seu termo desembocava engenhosamente nas paredes circulares de um velho poço abandonado, duas léguas a norte.

Na realidade, ainda que em campos opostos e muitas vezes antagónicos, era impossível não sentir admiração por este vasto grupo de povos infiéis, senhores absolutos durante mais de cinco séculos — ainda que ultimamente em períodos alternados — destes territórios, até à definitiva perda há cerca de sete decénios, esperava-se que irreversível.

Confirmada a suspeita trazida, a primeira coisa que fez foi a de interditar o acesso à capela, para restringir a outros a entrada, e, depois, a de inspecionar e limpar esse túnel, interrompido aqui e ali por pequenas derrocadas.

O conjunto amuralhado constituído pelo antigo e o novo castelo, entregue agora a uma reduzida guarnição cuja inércia era evidente, quanto mais não fosse pelas notórias dificuldades em acorrer a todas as tarefas que uma tal estrutura impunha, após a euforia das últimas grandes obras, realizadas não havia uma quinzena de anos, deixava transparecer os primeiros sinais de desleixo, felizmente mais acentuados no interior e sem que colocasse em causa a integridade da cerca nem dos edifícios importantes, entre os quais

se contava a renovada torre principal, aumentada para proporcionar agora um melhor giro do horizonte, onde se aboletava o seu capitão e respetiva família.

Em boa hora encontrara el-rei uma nova utilização para aquela venerável estrutura defensiva, a necessitar mais do que de cuidados, de um usufruto efetivo e condizente com a sua importância naquelas paragens, tão atritas ainda a intenções malsãs provindas das terras de além-mar.

A maltrapilha guarnição, curiosa com a sua vinda, acompanhava os seus movimentos com alguma estranheza, mas evitava questioná-lo. Eram gente simples, do mais simples que vira sobre um adarve, e nitidamente demonstravam o receio de o interpelar, sendo ele quem era, alguém ao serviço de el-rei, e o mais que não sabiam.

Perguntava-se amiúde o que lhes deveria ter sido contado, para demonstrarem aquele retraimento. Mas tal reação não lhe desagradava, pois libertava-o de fazer revelações indesejadas ou de ter de recorrer à mentira e ao embuste.

Apenas o capitão da guarda, um homem de aspeto sisudo, mas bem sebado, o seguia como um cachorro, numa ambígua atitude de subserviência e de controlo. E a esse tinha de se furtar com subterfúgios e meias-verdades.

Fazia-o porque não confiava na sua postura melosa, difícil de classificar.

Já as crianças não deixavam de o seguir nem espreitar, sempre que se deslocava pelo interior do recinto, quais aves pipilantes lançando gargalhadinhas nervosas, enquanto se escondiam numa esquina ou recesso.

Num recanto da fortaleza descobriu uma laje suficientemente grande para o que tinha em mente e reservou-a para que mais tarde pudesse ser talhada com vista a cumprir essa função.

Depois entregou-se à tarefa de descobrir e sinalizar dentro do recinto pedra disponível, sobrante das obras anteriores e reservada a melhoramentos, ou outros usos julgados necessários, para que pudesse ser empregue pelos irmãos pedreiros, mal estes chegassem.

Um dos cuidados era o de que as obras fossem executadas sem dependerem de materiais trazidos do exterior.

Tudo deveria ser tratado com o máximo de discrição, e dado que não podia responder pelos que habitavam o castelo, pelo menos no que dependia de si estava determinado a tudo fazer para que o secretismo fosse mantido.

Tornou-se-lhe óbvio desde o primeiro momento que naquele lugar se gozava um ambiente de paz e sossego, em resultado dos acordos dos

últimos anos e de um reinado conciliador com os vizinhos da outra banda, propício ao que era pretendido.

A prova das suas impressões estava bem vincada no baluarte que denotava já um certo ar de desmazelo, após as obras de ampliação e consolidação realizadas, não havia muitos anos — em 1303, apenas —, após a firmação da nova fronteira, ditada pelo Tratado assinado em Alcanizes, de que havia constado a reforçada cintura de muralhas, chamadas por ali de «castelo de fora» em oposição ao castelo velho, interior; ar, esse, resultante por certo do sentimento de segurança e acalmia vividos desde então.

Com o seu beneplácito e dos seus companheiros, estava a ser objeto de pequenas intervenções que se impunham, dada a nova utilização em vista. Limpo de ervas e de mato, consolidadas as argamassas mais frágeis, reforçadas portadas e trancas… Tarefas corriqueiras para disfarçarem aquele que era, afinal, o centro das suas atenções, razão da sua presença.

Enquanto isso decorria, havia outros passos a dar, outras etapas da grande empresa em curso a levar a cabo, pelo que era tempo de partir.

Como quem reflete acerca do caminho a tomar, detém-se por momentos na periferia do casario, entregue à nostalgia dos cheiros e dos silêncios, repletos de mensagens e de recados ocultos. Contudo, ele sabe muito bem qual o seu destino e espera que o retorno se possa cumprir em breve, dessa feita em boa companhia, pelo que, bebidos pela derradeira vez os cheiros familiares e as mensagens chegadas na maresia — cheiros a sal, a lodo e a terra quente, que eram a identidade daquele lugar —, se apresta a abandonar Castro Marim, ainda os primeiros laivos da manhã não se anunciaram.

O mundo equilibra-se na ténue linha que afasta a escuridão e desvenda a luz, em brumosos tons castanhos, cinzentos e arroxeados, a que por hábito chamam a hora dos justos.

A opção de encetar a jornada pelo próprio pé, além das naturais demoras sempre comportava imprevistos e contratempos, mas em boa verdade ele sempre havia sido um peregrino… Um peregrino para quem o início de uma viagem antes da alvorada tinha algo de místico.

Aquela era, desde há muito, a hora elegida pelos monges orantes, para reiniciarem o seu ciclo de *orare et laborare*. Ainda que outros a escolhessem para incursões ou ataques de surpresa, aproveitando o cansaço das atalaias e as sombras que faziam pardos todos os gatos, até os que se locomoviam sobre duas pernas, ou rastejavam pela terra…

No seu caso, o tempo e as circunstâncias haviam enraizado em si o hábito de, sempre que possível, iniciar os seus périplos naquele momento

quase palpável em que a noite cede não sem relutância a primazia ao dia, milenar batalha entre a Luz e a Treva, o Bem e o Mal, razão pela qual era desde há muito a que definia o início de alguns dos assaltos mais decisivos. Mas isso eram contas de outro rosário que não vinham agora a propósito… Tinha um longo caminho pela frente, e uma cerimónia a haver onde esperava estar na data agendada.

O velho salineiro, que habita o casebre mais recôndito, sentado na penumbra, em vigilante e serena espera pelo alvorecer, foi o único que o viu descer do castelo, àquela hora vespertina, e depois atravessar o povoado rumo a norte.

Percebeu quem era, porque adivinhou no volume que lhe sobressaía dos costados, a poderosa besta que sempre o acompanhava. Por esse familiar artefacto inseparável, era mais correntemente chamado por todos de o *Besteiro*, ainda que ele soubesse que não era esse o seu nome de batismo, mas outro, que ele guardava e que por isso deveria permanecer guardado.

Leu as suas hesitações não como as de quem se questiona ou reflete, antes de uma viagem, mas como as de quem está habituado a percecionar o ambiente que o rodeia, em busca de eventuais ameaças, antes de empreender uma nova jornada. Via muita coisa que não entendia, nas suas vigílias de velho, mas foi sem dificuldade que percebeu na postura do viajante que a despedida não era definitiva e que era movido por grande ansiedade. Mas essa era uma conta de outro rosário, um rosário em que haveria ainda muitas contas a desfiar. Pelo que até então lhe tinha sido dado perceber, suspeitava que a procissão ia ainda no adro…

De nariz erguido aos eflúvios que chegavam do mar e das salinas, sabia que se assemelhava a um podengo inebriado. O mar falava-lhe muito mais do que a terra, e numa certa medida, apesar de todos os perigos, sabia, quando queria, ser muito mais amigável.

Às vezes gostava de pensar que, tal como o sal, tinha nascido das suas águas, e que ao mar desejava tornar, no dia em que morresse.

Nenhum pescador ou mareante gostava de morrer no mar, ainda que houvesse os que não se importariam de nele serem sepultados…

A terra estava repleta de ardis. Nela os homens viviam e morriam à míngua, ao fio da espada, de fome e de fraqueza. Sobre ela reinava a pestilência, a guerra e a ambição desmedida… E em certos locais, de tantas batalhas ter testemunhado, acabara, mesmo, por adquirir a espessa cor do

sangue… Tal como acontecera em Silves, distante dali cerca de 25 léguas bem medidas, póvoa que o vira nascer e de onde partira, ainda rapaz, em que a terra e as pedras tinham uma cor férrea e sanguínea, diziam os mais velhos que devido às muitas vidas perdidas na sua conquista para Cristo. A cor, dizia-se, era o testemunho dos sacrifícios desses dias, deixados naquele lugar para memória futura.

Dizia-se tanta coisa e tantas eram as memórias!

Quantas verdadeiras e quantas feitas de simples equívocos?!

Soltou um suspiro. O Tempo tudo acabava por enredar e confundir.

Agora que a sua labuta se resumia às tarefas mais triviais e menos exigentes, e que o tempo lhe sobrava até para dormir, acordava muito cedo, muitas vezes em plena noite, e como quase sempre o leito lhe provocava mais cansaço do que repouso, era seu costume sair para o exterior, quer fizesse sol quer fizesse chuva, tomadas as necessárias providências.

A brisa marítima, acentuada com a maré-vazante, era o melhor bálsamo para o espírito e para o corpo.

O *Besteiro* que observava a distanciar-se e por fim a desaparecer, não obstante notoriamente calejado pelas agruras da guerra, era um homem de bom trato, de ar plácido, alguém dotado de qualidades insuspeitas, algumas das quais por certo nem ele imaginaria possuir…

Media o tempo para lá do tempo e sentia-o como ninguém…

Ainda que aquela característica indizível e apenas percecionada por quem já vivera praticamente a vida toda fosse algo que não era desconhecido ao próprio, não era também algo que fosse tema de grandes conversas.

Talvez porque o mundo não compreendia o incomum, ou talvez por simples modéstia… Ou quiçá por ambas as razões. Não o sabia com certeza e talvez escolhesse aquele assunto para passar algumas horas, hoje, em pachorrenta reflexão.

Assim passava muitos dos seus dias…

A maioria dos homens de armas que conhecera olhava com desdém para os homens do mar e das salinas: comedores de peixe e de sargaços — chamavam-lhes. Cuspinhando contra o vento marítimo, como se o epíteto fosse um insulto.

Aquele, porém, mostrara-se afável, desde o primeiro momento, como se nem fosse da terra nem do mar, mas duma outra dimensão que ele não sabia qual fosse.

Chegara só, algum tempo antes dos demais, e durante os primeiros dias encerrara-se no interior das muralhas. Apenas uma semana depois,

havia chegado a outra meia dúzia, mas da existência ou do que ali faziam transparecia apenas o ruído provocado, mais audível a certas horas, como o de cinzel a moldar pedra e o do roçagar áspero de pás ou de colheres a removerem terra.

Eram os barulhos de quem trabalhava com afinco ou procurava por algo abaixo da crosta do solo.

Num primeiro momento pensou que estivesse perante uma espécie de mineiros ou de prospetores de velharias e de antigos tesouros, mas, depois, que se tratava tão-só de um rancho de pedreiros incumbido de uma obra de melhoramento, para que o lugar pudesse receber a nova guarnição…

Dizia-se que el-rei tinha a intenção de o doar aos sucessores dos desacreditados Templários, agora rebatizados de Cavaleiros de Cristo, para que fosse a sua Casa e Sede oficial, mas ninguém o sabia com absoluta certeza, como que a confirmar que o segredo real era a alma do negócio…

Das suas atividades precisas nunca veio a saber a natureza, senão que saía por vezes para obter mantimentos e regressava de seguida ao interior da fortaleza.

Vira nele um dos novos monges-guerreiros que eram anunciados para aquele local, mas pela sua natural calma e propensão a caminhar sozinho pelo burgo, em tudo aparentava ser um desses ascetas que preferiam viver longe de todos, ainda que fossem amáveis para quem os visitava ou questionava.

Não fosse aquela poderosa arma capaz de derrubar um touro apenas com um disparo, e o seu ar sempre atento, como quem receasse um qualquer perigo escondido, e ter-se-ia ficado por essa conclusão. Porém, algo lhe dizia que havia ali um qualquer segredo, escondido atrás do que se revelava.

— Quem sois, estranho? — proporcionou-se um dia perguntar-lhe, assim sem peias nem papas na língua. Tinha sido ali bem perto, e fora com uma calma que o surpreendera, acompanhada de um sorriso quase infantil, que ele lhe respondera:

— Sou um homem do Mundo, que cada vez mais aprecia viver longe dele.

Porventura tal jovialidade ficara a dever-se ao facto de responder a um velho — pensara na altura; os velhos eram vistos com bonomia e a sua curiosidade tolerada como se fosse mais uma tolice da idade do que uma ousadia só própria de quem já só teme os demónios d'além-vida. Porém, rapidamente percebeu que a tolerância era uma característica sua.

— Dizeis isso com amargura. Que desdita vos leva a dizer o que dizeis?

— Desdita não, venerável homem, apenas uma estranha sabedoria colhida nas adversidades desta vida.

— Afinal sois frei ou monge?

— Somos todos monges. Alguns é que ainda não o sabem.

Havia muita sabedoria nestas palavras. A vida era o tempo todo para saber, porém alguns morriam ignorantes.

Consciente de que era observado, mas sabendo que se tratava de um olhar inofensivo, resolveu não perturbar o velho conhecido no seu tão apreciado momento de introspeção, com que por costume antecipava cada novo dia. Em vez disso proferiu a sua oração de graças, pelas sensações que aquele lugar lhe proporcionava — uma descoberta recente que já lhe era tão cara — e, apressando-se, deixou para trás o casario, internando-se nos arredores agrícolas, àquela hora ainda imersos no silêncio dos espaços adormecidos.

Um sorriso aflorava-lhe os lábios.

O que era um homem no final da vida, só, sentado à alvorada, aguardando o nascer do novo dia? Uma espécie de monge, de eremita ou apenas uma alma perdida, em busca de uma luz que lhe anunciasse entre todas as trivialidades da existência as múltiplas maravilhas da Criação? Num caso ou noutro, não se tratava afinal de um monge, o homem que a esse exercício se entregava?

Os primeiros pipilares deviam estar prestes a manifestar-se e, talvez por essa consciência, fosse mais premente aquela sensação de absoluto sossego.

Era sobretudo daquele ar despojado e primordial que ele mais gostava!

Enquanto Castro Marim ficava para trás, e o dia finalmente se anunciava, o céu limpo, o ar fresco, mas a amornar-se a cada palmo que o astro-rei se elevava no firmamento, ele não deixava de pensar no quanto havia sido feito até então, e também no que o aguardava à chegada.

O caminho trilhado até ali havia sido árduo, mas o que se apresentava, incógnito, não estaria ainda desprovido de espinhos, perigos e ardis.

A conspiração para exterminar os Templários da Cristandade urdida lá longe, no reino de Filipe, chamado o *Belo*, uma serpente ao serviço do Demo, provando que a vaidade disfarçava os piores defeitos com vista a seduzir os justos, expandira-se como fogo em palha seca, convencendo outros monarcas, abalando convicções e certezas, até esbarrar na determinação de D. Dinis, muralha, fortaleza e reduto.

Mais de uma década havia decorrido, esgrimindo argumentos,

exigindo a diplomatas as suas mais firmes alegações, enquanto nos bastidores adagas, espadas e virotes seguiam a senda das armas em intrigas bem cerzidas. O caminho trilhado estava cheio de escolhos e de vítimas: esquecidas, ignoradas ou saudadas no recato apenas de gente confiável, entre eleitos e defensores da causa, em que ele e outros como ele se incluíam, tanto como agentes diretos, como intervenientes mais discretos.

Suspirou, enquanto parecia avaliar a distância. Havia ainda uma longa caminhada pela frente. Porém já não tão longa quanto havia sido, e, desejava, nem tão pejada de agruras ou amargos de boca.

Em breve, acreditava, aquilo por que muitos lutavam concretizar-se-ia, finalmente. Era com essa fé que caminhava; com o coração tão leve como há muito não se lembrava, agora, que tudo parecia finalmente aconchegar-se no colo de Deus. Em breve, muito em breve, aquela etapa, a mais dura e a mais difícil, teria enfim a sua pedra de fecho.

E sobre ela poderia finalmente ser iniciado um novo ciclo.

Arco-íris de duro granito irisado.

Após cerca de quinze dias de caminhada, em que nem homem nem animal ousou opor-se-lhe, eis que o seu destino se encontra à sua frente provando o que se diz: que aquele que vem preparado para o pior, colhe em cada surpresa uma benesse; o tempo passa mais depressa quando o olhar vem educado para contemplar o Mundo e colher dele o melhor que o mundo tem.

Deo Gratias!, exclama para consigo, ante o espetáculo que se lhe apresenta. *Santarém, a magnífica!*, a cidade onde o rei gosta de passar longos períodos, rebrilha ao sol mortiço do final da tarde.

Não é a primeira vez que se encontra aqui, nem a esta hora (ainda que sinta que se passou uma eternidade desde a anterior), nem seria certamente a última, dizia-lhe o seu instinto.

Apesar do papel desempenhado pelo burgo em alguns dos mais decisivos eventos que tinham caracterizado os últimos anos, a prudência havia ditado que evitasse visitas e intrusões, além das que se impunham.

Após a sua passagem para a Coroa, no distante ano de 1147, no abençoado dia do Senhor de 15 de março, nos meses e anos seguintes gerara-se uma efervescência construtiva, com vista à mudança do seu rosto e das suas memórias: igrejas haviam sido erguidas, conventos fundados de novo; tudo isto sobre o existente património, em grande parte renegado, porque ligado ao anterior ocupante.

Na sua ânsia de apagar e reescrever as memórias, as populações guiadas pelos mais eminentes do lugar, existentes e entretanto chegados, varreram o chão da História nas décadas seguintes, purificando-a aos olhos da Cristandade. No entanto, em todos os recantos, eram ainda visíveis os indícios do que havia sido, e era sobretudo isso o que ele mais apreciava: a sua capacidade de revelar aos olhos mais atentos traços esquecidos pela maioria, ainda que se mantivessem as memórias.

Pois não eram elas a identidade de um lugar?

Desde que D. Dinis a elegera como um dos seus lares preferidos, onde passava grandes temporadas e de onde fazia emanar algumas das suas mais emblemáticas medidas governativas, essa euforia transformadora tornara-se ainda mais evidente, a pontos de haver quem se questionasse se não era ali que um dia ficariam definitivamente o tesouro real e a corte. Pelo menos atendendo à pompa e circunstância colocadas em cada chegada e partida, era essa sempre a ideia que ficava…

Fora naquela magnífica urbe que el-rei, reunido com o seu círculo de confiança, determinara uma certa noite que se iniciasse a dita cruzada. Todavia muito se passara até à presente data, memorável a todos os títulos.

Enquanto contemplava o espetáculo que se lhe apresentava à vista, o outeiro sobranceiro ao Tejo, a ampla lezíria correndo para um lado e outro, pelas margens do rio, e este rugindo ao fundo, como um alazão livre e inchado da sua importância, as lembranças do que ocorrera naquele distante ano do Senhor de 1308 voltaram, mais vívidas do que nunca.

Nessa altura tinha chegado àquele mesmo miradouro sobre o rio, vindo de mais perto, mas então com outra incumbência, outra motivação e outra juventude.

Onze anos eram muito tempo, porém estavam longe de se apagar as memórias desses dias.

CAPÍTULO 2

SANTARÉM
1308

A cidade mais querida por D. Dinis resplandecia adiante, nimbada pelos tons do ocaso, imponente no seu vasto volume fortificado que se espalhava pelo outeiro em diferentes níveis. Era uma autêntica cidade-fortaleza, conquistada aos mouros pouco antes de Lisboa, feita cristã e parte integrante do reino, e hoje era nela que habitava el-rei.

Sobranceira ao Tejo, que corria ao fundo, cintilava como um presépio, subindo a colina, iluminada pelas primeiras luzernas acesas, pirilampos a piscarem nas trevas crescentes as suas múltiplas promessas. Repouso, aconchego, calor. Mas também cilada, perigosidade, almas penadas. Tudo o que a noite anunciava a todo o crente e descrente.

Os que viviam segundo as regras instituídas ansiavam os primeiros e receavam as segundas. O merecido descanso que se segue a um árduo dia de trabalho e múltiplas canseiras. Os que viviam à margem da lei, viviam à margem da vida, e a maldade latente circulava numa espécie de submundo que escapava ao olhar do comum dos mortais.

Pensou num abrigo acolhedor, numa refeição comida sem pressa. Mas também nos deveres que o aguardavam. Naquele dia, também ele desejava parecer quem não era e ser quem não pudesse ser adivinhado…

Respirando fundo, o capuz de peregrino descido sobre o rosto, apressou-se, desejoso de transpor as portas ainda antes do anoitecer.

A noite havia caído completamente, envolvendo o casario num escuro manto de veludo que parecia tornar o empedrado das ruas macio sob os pés.

Talvez não fosse o chão que fosse macio, mas os passos dados àquela

hora: passos de quem não quer ser ouvido e se move como um felino, cosendo-se com as próprias sombras, numa espécie de passe de magia.

Se alguém sai ou é conduzido pela rua, recorre a candeia ou a archote; exceto quando não deseja ser visto nem encontrado. Como é o caso. Este homem que segue adiante do nosso olhar e nem sequer nos pressente, por óbvio recurso a estratagemas de magia ou prestidigitação, apenas ao dispor de quem está além do tempo e do espaço, acaba de entrar num beco escuro, não apresenta indícios de receio ou temor: está habituado a só ser achado quando o deseja.

Quem o veja facilmente o confunde com um peregrino, cuja alma em busca de redenção não parece recear os perigos que espreitam; peregrino será, não é exato que o seja; à noite todos os gatos são pardos e alguns como este podem ser confundidos com pedintes, desfavorecidos da vida, claudicando sem pressa o aveludado das trevas.

Talvez busque um abrigo, um albergue dos muitos que existem pelo burgo, ao cuidado das várias Ordens mendicantes. Talvez, quem o sabe? Porém, talvez se venha a saber; diz a curiosidade, muita, que não há de desistir sem que o saiba quem a acalenta, com gozo indiscreto.

Ao fundo do beco, altaneira a silhueta que se projeta acima das demais, bate a uma porta e, aberta que lhe é quase de imediato, entra. Aí, indiferente àqueles que já o aguardam, muda de roupa e pega na besta que lhe pertence, assim como no carcás de virotes que coloca à cintura.

Afinal não se trata de um peregrino, muito menos de um pedinte: é um homem de armas, adestrado para matar, bestas ou homens, ou de ambas as naturezas. Dizem que há muitos que não se distinguem: apenas se vestem melhor e usam melhor o verbo e o argumento, a arte do convencimento que se aprende com a vida e a necessidade…

Num golpe de malabarista ou bufarinheiro deixara de ser um peregrino; era agora um caçador. Um caçador de homens, ao serviço de quem lhe pagasse.

E alguém lhe havia pagado para que liderasse uma matilha.

Não pôde evitar um sorriso. Entre agre e irónico.

Eram quatro. Como os quatro cavaleiros do Apocalipse, os quatro pontos cardeais, os quatro ventos da Terra.

Olhando-se e aos companheiros, viu a Peste, a Fome, a Guerra e a Morte. Cada um carregando as suas vontades, movidos unicamente pelos desígnios que serviam.

Dado que carregava às costas a mais mortífera das armas de guerra individual — a besta —, qualquer um o veria como a personificação do senhor das batalhas, eventualmente de porte régio, mas não puro nem santo, desenganassem-se, era o mais pecador dos mortais. As suas cãs eventualmente a lembrarem diademas, ele era também o cavaleiro branco.

O Ruivo — não sabia se era nome próprio, se alcunha — era com certeza o fogo, com aqueles cabelos como chamas a arder. Ele era também o sangue derramado, a Morte e a Guerra levadas aos que se lhe opusessem.

Cara de Cão era por seu turno a Fome, a carestia, a maldição das mesas vazias, das escudelas à míngua. Bastava ver a ânsia que o motivava, uma espécie de fome intestina. Além do seu olhar chamejante, duas brasas a arderem num rosto afilado e anguloso. À cintura a mortífera espada, as guardas a evocarem os dois braços de uma balança. Os cabelos negros e ásperos como a noite, azeviche-antracite, lembravam a pelagem de uma ovelha negra.

Júlio Varrão era a Peste, com os seus cabelos claros, sujos e engordurados a lembrarem a podridão da carne, o pus corrente, a morte lenta e dolorosa. A doença, a pestilência…

Entre amargo e irónico, sorriu.

Sorriu da irrefutável conclusão a que chegara…

CAPÍTULO 3

TOMAR

Por aqueles dias

Tomar dormia ainda àquela hora — a hora dos justos — quando ele abandonou a fortaleza, imersa em escuridão, sombras e silêncio. Desceu o outeiro, cheirou o ar que chegava soprado do casario em baixo: cheiro a fumo e pão acabado de cozer; cheiros tão familiares, misturados com a humidade da noite, que subia do Nabão!

Ali tinha vivido nos últimos tempos, uma vida de entrega e de sacrifício, mas também de alegrias, companheirismo e oração. E de adestramento nas artes da guerra, como competia aos membros litigantes da Ordem. Nos últimos meses, e sobretudo nas últimas semanas, ante os ares adversos chegados de longe, os treinos tinham sido intensificados, tinham ganhado outros contornos e outros propósitos.

O impensável acontecera e ameaçava alastrar, como fogo em campo de restolho, por toda a Cristandade! No reino além-Pirenéus de Filipe IV, chamado o *Belo*, amaldiçoado fosse pelos séculos dos séculos, os seus irmãos Templários haviam sido presos, entre eles Jacques de Molay, o grão-mestre, despojado dos seus poderes e da sua dignidade, e muitos tinham sido já torturados e mortos, a Ordem arrasada como um castelo de areia soprada por vento aziago. Como se não bastasse a desdita, Clemente V unira-se a esta conspiração de dimensões apocalípticas, dando não apenas o seu aval, mas abençoando os propósitos dos conspiradores e, agora, por todas as terras e reinos em que os cavaleiros do Templo tinham Casas se temia pelo futuro.

Com legítima prudência, muitos se questionavam acerca das medidas e intenções relativas aos Templários sedeados no reino de Portugal. Se havia os que acreditavam que tudo permaneceria igual, dada a independência dos cavaleiros portugueses relativamente às suas Casas congéneres e irmãs,

outros não podiam deixar de recear que a contaminação ideológica pudesse ditar de igual modo a sua extinção.

Ele e outros como ele acreditavam numa solução diversa.

Com essa finalidade, fora criada a unidade de Guardiões de que ele fazia agora parte, a unidade especial, restrita, anónima e «inexistente», formada para desempenhar tarefas que não poderiam ser atribuídas a «nenhum» elemento da Ordem do Templo; para ser cumpridas nos locais para onde não podia ser enviado um templário; onde nenhum templário podia ser encontrado.

Unia-os o medalhão que transportavam ao pescoço.

Esse medalhão era de prata e tinha duas faces. Numa delas, dois cavaleiros partilhando uma montada, símbolo identitário dos Templários, e, na outra, o que os distinguia dos seus irmãos, o símbolo triangular que representava uma cripta, um local secreto construído no subsolo, e, em torno, a latim, a inscrição: *Congregatique sunt in Inferno*.

Reunidos no Inferno!

Porém, quem o avistasse naquele momento ao lusco-fusco dificilmente descortinaria nele alguém preparado para a guerra. Desprovido de sinais que o comprometessem, envergava apenas o pobre manto de linho dos caminhantes, amparado pelo bordão de peregrino. Aos olhos menos atentos, que eram os mais comuns, passaria facilmente por um simples viajante entre lugares, ou por um penitente no cumprimento de uma promessa.

Jamais desconfiariam que fazia parte daquele núcleo muito restrito de guerreiros, recentemente formado no seio dos cavaleiros conhecidos por todos como Templários, mas que daqui para a frente não sabia como continuariam a ser denominados; tão-pouco se perdurariam aos crimes e às atrocidades contra si cometidos, além-fronteiras.

Neste reino de Portugal, governado pelo iluminado rei D. Dinis, ainda por entre o choque sofrido, começava a ser sonhado um novo mundo, onde a verdade do Templo pudesse encontrar um porto de abrigo. Neste remoto reino de Portugal e dos Algarves, junto ao mar por Deus plantado. Talvez para um desígnio que ainda lhes faltava desvendar… Mas esse era assunto de outra lavra, que não era a sua.

A sua era a de levar a bom porto a missão de que fora incumbido.

Tinha um longo caminho pela frente e uma infinitude de situações com que lidar. E de perigos. Respirou fundo.

Em boa verdade, o perigo estaria à sua espreita em cada curva do caminho, em cada vereda, em cada bosque sombrio.

Dados os primeiros passos fora daquele que havia sido nos últimos tempos o seu abrigo, só podia contar consigo, confiar unicamente em si. Nas suas mãos estava o futuro da sua Ordem, tão cruelmente ameaçada.

Um arrepio percorreu-o: voltaria a ver aquele lugar?

Ergueu os olhos ao céu numa espécie de prece.

Se era ali que Deus vivia e não entre os homens como o apregoara o Seu filho, então talvez fosse certo e verdadeiro pensar que as estrelas que no céu cintilavam eram os Seus olhos e os daqueles que já haviam fenecido, observando, junto a Si, as obras e os atos dos homens que viviam ainda sobre a Terra.

Muitas vezes se quedava longos minutos espreitando, entre tantos possíveis os olhares dos seus, tentando interpretar entre um piscar e outro um sinal de reconhecimento, uma resposta de saudade. Às vezes julgava crer, outras desejava ignorar. A acreditar que assim era, o que acontecia durante o dia, quando as estrelas se apagavam? Aproveitaria Deus e os seus mortos para dormirem quando todos os demais estavam despertos? A ser assim, quem velava por todos eles, os pecadores, nas horas em que mais expostos se achavam aos perigos da vida?

E o que acontecia, naquelas alturas em que, muitas vezes durante dias a fio, o céu se encobria, carrancudo? Era Deus que não queria saber, ou tudo queria ver sem ser visto?

Viver era uma constante interrogação, que muitas vezes se eternizava e, outras, morria num suspiro. Afinal tinha sido no céu que Deus havia traçado o caminho que conduzira os Reis Magos até ao estábulo onde Maria dera à luz o Seu filho, Salvador dos homens. Daí que muitas vezes se entregasse a pensar que o Céu era uma lousa onde se escreviam todos os caminhos… Todos os caminhos a descobrir, entre o Céu, a Terra e o Mar… Bastava que olhos atentos e corações honestos os soubessem ler e interpretar…

Para que, por fim, pudessem ser desvendados!

CAPÍTULO 4

As perseguições são sempre iniciadas com ganas. Enquanto os caçadores estão frescos e descansados, os corpos e os espíritos ainda imbuídos de todos os seus propósitos e motivações… Soltas as feras que cada um tem dentro de si, elas correm e puxam, não quem as detém, mas quem por elas é impelido, sustido, puxado.

Durante horas, folgadas as pernas, seguiram como cães à desfilada.

Todos eram homens possantes, habituados a ir no encalço de presas incautas. Todavia, depressa os sucessivos reveses os fizeram perceber que, tal como lhes havia sido dito, a caçada não seria fácil nem breve.

Aquele que perseguiam era alguém invulgar, alguém dotado de um treino rigoroso e que o tornava uma presa difícil. Mas também eles não eram caçadores vulgares, banais perseguidores.

Os dias, porém, arrastaram-se.

Quando assim acontece, antes de alquebrarem, por seu turno, os ânimos, numa espécie de revolta última, a natureza incendeia-os… Desfeiteados, esquecem a prudência, ousam revelar-se, mostram-se como são.

É o tempo, mais do que das revelações, dos erros impensados… Aqueles que deixam um rasto, para o bem e para o mal.

De todos, percebeu-o rapidamente, *Cara de Cão* era aquele que parecia mais propenso a perder as estribeiras, quando as suas melhores expetativas tendiam, com a passagem do tempo, tal como a forte corrente de um rio esvaída do seu entusiasmo inicial, a desaguar num marasmo desolador.

Uma semana volvida de dias extenuantes e noites passadas quase sempre ao relento, em que, não obstante todos os esforços, a presa continuava a escapulir-se, fazendo jus ao que lhes havia sido dito e recorrendo porventura a artimanhas que lhes escapavam, como fantasma que troçasse dos seus

esforços, o seu humor estava ao rubro; dentro do homem façanhudo que era, ardia a forja da fúria e do azedume e as feras que o dominavam estavam a um passo de correrem desgarradas.

À vista daquela terreola isolada, rosnou para os companheiros a sua convicção: — Ali está um bom lugar para apanhar uma lebre imprudente. — A forma como o disse, o sorriso, mais um esgar do que um sorriso, a rasgar-lhe as fauces, foi bem elucidativa das suas intenções.

Ruibarbo suspirou enquanto observava o lugarejo erguido entre fragas e mato, uma amostra de courelas e bosques raquíticos onde nada parecia medrar… E, no entanto, havia gente agarrada àquele rincão perdido, como pulgas aos lombos emagrecidos de um miserável podengo. Fiapos tristes de fumo erguiam-se para o ar rarefeito e, de quando em quando, um chocalho ou sineta tilintava como um chilreio esmaecido naquele final de tarde.

Era deveras surpreendente a estoicidade humana!, pensou entre admirativo e relutante, enquanto se perguntava se haveria uma forma de contrariar o companheiro, já que todos percebiam como estava ávido de libertar os seus demónios sobre qualquer inocente com quem se cruzasse, independentemente dos resultados ou dos propósitos que os guiavam.

Se fosse ele, recorreria a um lugar daqueles para se recolher? Para encontrar o abrigo de um telhado e de um lume aceso? Anónimo, sem dúvida… Ainda que locais anónimos pudessem ser, por isso mesmo, os escolhidos por quem não desejava ser encontrado.

— Julgam, acaso, que estará ali, agora? — perguntou o Ruivo, ciente de que lhes interpretava os pensamentos.

— Não creio — contrapôs por fim Ruibarbo, num tom firme. Mas soube assim que falou que o seu tom não soou muito convincente. Havia uma ideia já firmemente encasquetada na cabeça de *Cara de Cão*; notava-lha no fremir nervoso do nariz: de cão de fila cheirando uma pista fresca. — Parece-me um local demasiado óbvio para que decidisse procurar nele abrigo ou ajuda… — insistiu agora mais convicto, enquanto pelo canto do olho buscava perceber as motivações dos restantes companheiros.

— Para mim, seria um sítio ótimo para descer, por isso mesmo… — replicou *Cara de Cão* pensativamente, rebatendo as suas dúvidas, enquanto lambia os beiços.

— Descemos, então? — Quem desta feita falou foi Júlio Varrão, fazendo tenções de iniciar a descida. Uma descida ao inferno, pois era o que lhes parecia aquele lugar esquecido. À noite deveria ser o único ponto de luz

em toda aquela imensidão semideserta. Uma brasa trémula na escuridão reinante. Nas noites mais negras, o mundo à volta devia ser assustador…

— Julgo que é melhor fazê-lo assim comece a escurecer, quando todos estiverem recolhidos — replicou Ruibarbo, o *Besteiro*, resignando-se à vontade dos demais, mas ainda assim colocando um travão às intenções mais imediatas. Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas, e acontece que se percam algumas bordoadas… e esfriem os ânimos mais acesos.

Excetuando *Cara de Cão*, que soltou um rosnido, os companheiros acataram de bom grado a sua proposta e limitaram-se a procurar um pouso confortável e protegido das vistas para aguardarem o anoitecer.